

Mulheres na ciência: uma entrevista com a física Marcia Cristina Bernardes Barbosa

LUCIANA ROSAR FORNAZARI KLANOVICZ

Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná | Unicentro

ROSELI DE OLIVEIRA MACHADO

Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná | Unicentro

298

A física Marcia Cristina Bernardes Barbosa é uma das mais influentes cientistas brasileiras na atualidade. Sua atuação se divide entre atividades de pesquisa, ensino e extensão na Física, como professora titular do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e nos Estudos de Gênero e Ciência. Como pesquisadora 1B do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Barbosa tem atuado intelectual, acadêmica e politicamente na problematização dos espaços femininos e das relações de gênero no mundo das ciências, com vistas à conquista e consolidação da participação de mulheres e seu reconhecimento como cientistas em todas as áreas de da pesquisa, principalmente nas Ciências Exatas e Naturais.

Márcia Barbosa é uma das diretoras da Acadêmica Brasileira de Ciências (ABC), integra a Sociedade Americana de Física, a Sociedade Brasileira de Física e a União Internacional de Física Pura e Aplicada e já foi agraciada com o Prêmio L'Oréal-Unesco de Mulheres nas Ciências Físicas (2013), Prêmio Cláudia em Ciência (2013), Prêmio Anísio Teixeira (Capes, 2016), Medalha Nicholson da American Physical Society e Medalha da Ordem ao Mérito Científico Nacional do Brasil (2018).

Em visita à Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro) do Paraná, em Guarapuava, Márcia Barbosa participou da VI Semana de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão (28 out.-1 nov. 2019), proferindo a conferência de encerramento do evento, "Mulheres na Ciência". Como atividade do Centro Interdisciplinar de Estudos de Gênero (Cieg-Unicentro), a pesquisadora, dona de uma força vital inesgotável, gentilmente encontrou as entrevistadoras para um momento de intercâmbio e discussões sobre as lutas em torno da presença feminina nas ciências, regadas por um bom café da tarde. Uma excelente oportunidade de poder conversar com uma cientista que, conforme biografia publicada no site da Academia Brasileira de Ciências, inspirada por Madame Curie, "mostra que mulher não apenas pode fazer ciência, mas também fazer história".

Roseli de Oliveira Machado (ROM): Como você vê a participação das mulheres no ensino superior brasileiro? Como estão estabelecidas as diferenças de gênero, por área de conhecimento e por nível de ensino?

Márcia Cristina Bernardes Barbosa (MCBB): Mulheres vem crescendo, sim, na formação acadêmica. Hoje, já somos em média 50% das estudantes de graduação, mestrado e doutorado e, como docentes no ensino superior público, estamos em torno de 40%. A má notícia é que tem áreas do conhecimento onde o percentual de mulheres está diminuindo. E isso acontece nas Exatas, muito na área de Informática, onde o percentual de formandas está diminuindo ao longo do tempo. A formanda, então, impacta no doutorado, no mestrado e na carreira como docente.

O segundo fenômeno é que, apesar de as mulheres já serem 50% do público discente de doutorado e de mestrado e 40% de docentes na universidade, não estamos nas posições de comando. Ou seja, o percentual de mulheres em todas as áreas diminui à medida que se sobe na carreira.

Isso é mais gritante na pesquisa. Se formos observar o quadro de bolsistas de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) entre os níveis 2 a 1A, o percentual diminui. Há um “efeito tesoura”, representado pela diminuição do percentual de mulheres e aumento no percentual de homens, constatação no campo da pesquisa e da docência. O percentual de mulheres diminui igualmente quando miramos a promoção na carreira docente de professoras associadas para professoras titulares.

ROM: Que fatores influenciam nessas assimetrias de gênero?

MCBB: A primeira assimetria, que é a assimetria de poder, apresenta dois grandes componentes considerados como obstáculos. O primeiro – que não é realmente um obstáculo, mas uma questão de que a sociedade não equacionou – consiste na maternidade.

Em linhas gerais, as meninas recebem o mesmo tratamento que os guris até o doutorado. Depois do doutorado, quando ela entra na faixa de ser mãe, começa a sofrer um preconceito potencial, qual seja, o de ter filhos. As pessoas não querem uma pós-doutoranda que possa vir a ter filhos. Quando o tem e já é docente, a mulher é enxergada como uma perdedora. A questão é: se parou a produção científica, está fora do sistema.

Depois da maternidade, a pesquisadora acaba saindo da lista de orientadores da pós-graduação. É uma saída dura. A pesquisadora sofre um baque e é muito difícil se recuperar, porque falamos de um sistema avaliado continuamente, e se a pessoa teve uma baixa produção durante o período isso impacta por um prazo muito longo. Então, há uma questão importante a ser tratada quando se fala em maternidade na pesquisa e na docência. Existe um grupo no Brasil chamado “Parents in Science”, que está atuando muito fortemente em trazer soluções para o tema.

A maternidade não é a única preocupação. Existe, como já disse, uma outra grande questão, que é a das mulheres não se dirigirem a certas áreas científicas e de não subir na carreira. A maternidade não explica tudo, como mostram os dados que indicam o decréscimo do percentual de pesquisadoras da passagem do nível de bolsistas Pq 1B para Pq 1A. Notem que as pesquisadoras nessa etapa da vida não têm mais idade para ser mães. Então, a maternidade não pode estar impactando nesse momento tão longínquo da carreira. Nesse sentido há uma outra coisa: a maternidade não explica por que não existem tantas reitoras, uma vez que a idade de um reitor ou reitora é a idade de ser avô ou avó, vamos combinar.

O que pode explicar isso? Existe um experimento feito com cerca de 200 crianças nos Estados Unidos da América, que deixa claro que na transição dos 5 a 7 anos, as crianças percebem, passam a perceber que a inteligência é um atributo masculino. Crianças de 7 anos acham que inteligência é coisa de homem e ser esforçada é coisa de mulher. Uma mulher até consegue subir até um certo ponto porque grandes grupos de trabalho precisam de pessoas esforçadas, precisam daquela pessoa que faz o serviço braçal, o serviço grande, o serviço duro, e são as mulheres que os fazem. Mas quando se chega na liderança desses grupos, ali sempre existe um homem. Isso acontece porque tais posições têm sido identificadas como ocupadas por alguém que tem superinteligência o que, na cabeça de muitas pessoas,

é coisa de homem. E esse pensar, que já vem de criança, propaga-se ao longo de toda a vida da pessoa. Um teste de propagação desse preconceito é mostrado em um estudo no qual, depois de se tomar um currículo, duplicá-lo e atribuí-lo a duas pessoas com os respectivos nomes de John e Jennifer, e enviá-los para avaliação de candidatura para o cargo de assistente de laboratório, pesquisadores indicaram, no retorno, o currículo de John como melhor e como alguém que poderia ganhar o maior salário.

Os avaliadores, nesse sentido, consideraram o candidato John mais eficiente e melhor. Só trocaram o nome. Isso demonstra que a sociedade naquele momento, que se diz igualitária, que preza pela meritocracia, que avalia igualmente, na hora de olhar um currículo, na hora de olhar uma defesa de produção científica, olha diferente.

Há um outro estudo muito interessante, feito com mil estudantes de Física. O estudo foi realizado ao final da disciplina de Física 1 e perguntou aos estudantes o quanto eles e elas pensavam dominar o conteúdo do curso. É gritante a diferença entre quanto os meninos acreditam dominar e quanto as meninas dizem dominar. As meninas que tiraram A na disciplina, topo de conceito, acreditam que dominam tanto o conteúdo quanto os meninos que tiraram B. A pesquisa acompanhou o mesmo grupo de estudantes na disciplina Física 2. Observou-se que a segurança dessas meninas diminuiu ainda mais, ou seja, os professores conseguiram mostrar que elas são realmente “burrinhas”. Ao final de Física 2, as meninas que obtiveram A acham que sabem tanto quanto os meninos que tiraram C. Vejam, assim, que há um processo de convencimento que diz que o seu papel como mulher é ser uma assistente esforçada e não uma liderança protagonista. Além da maternidade, a sociedade costura uma visão na cabeça de meninos e meninas que é o preconceito que afirma que a mulher não deve liderar. Esse preconceito se propaga em todas as questões do trabalho feminino.

ROM: Na sua opinião, a constituição histórica do sistema educacional brasileiro contribui para essas assimetrias no ensino superior, em termos de gênero e para a criação de carreiras mais masculinas ou mais femininas?

300

MCBB: Sim. Historicamente falando, as mulheres começam a estudar, a entrar na universidade, no final do século XIX. Quando entram, quem entra é uma elite econômica e muitas nunca exercem a profissão, acomodando-se ao casamento. A primeira engenheira formada no Brasil não exerceu a profissão, nem a primeira médica porque não havia ambiente propício para aturem profissionalmente. Assim, a mulher entra muito mais tarde na universidade do que os homens.

Quem modelou o sistema foram os homens e ainda impõem o padrão de liderança em comportamentos como bater na mesa, falar alto, interromper os outros. É uma lógica de força e do entendimento de que força significa excelência. Força é um modelo a partir de um padrão masculino. As mulheres que conseguem chegar lá hoje em dia são as que copiam esse padrão masculino. Copiam ao invés de dizer “Não! Vamos repensar! Repensar essa distribuição de tarefas, essa maneira de ouvir.” Está na hora de trazer a diversidade para o sistema.

Nem quando chegamos lá, conseguimos trazer essa diversidade, que seria importante quando a gente agrega mulheres. Nesse sentido, há razões históricas que não estão presentes apenas no Brasil, mas em nível mundial.

Emmy Noether entra na universidade alemã antes da Primeira Guerra Mundial. Até aquele momento, era incomum uma mulher frequentar a universidade. Ela é aceita como docente na universidade de Göttingen sem salário. Estou falando do século XX. Não é só no Brasil; é no mundo que a atitude das universidades naquele momento é atribuir um papel coadjuvante às mulheres.

Marie Curie... nossa! Dois prêmios Nobel (Física e Química), mas só teve emprego depois que o marido morreu. Trabalhava de graça. Em outros termos, há toda uma costura que a gente tem que refazer. Primeiro, a mulher ganhando acesso, que é um grande esforço. Depois, ganhando a mesma possibilidade salarial, que é outro esforço.

Agora tem uma terceira onda, a das mulheres que vão trazer uma outra forma de fazer no meio profissional. Essa terceira onda é a que assusta os homens. É a mulher dizer: “Olha, talvez tenha um outro jeito de fazer ciência! Há outra

forma de administrar, que é um pouquinho diferente do que vocês, homens, estão fazendo.” Dizer para um homem que há outra forma de fazer é assustador, porque eles ganharam o jogo tendo construído o meio profissional como ‘donos da bola’. Por que iriam compartilhar essa bola, se são seus donos? A incorporação da mulher e da diversidade no meio profissional só acontecerá com luta, assim como foi para conquistar o direito ao voto, o acesso à universidade, a conta no banco, a carteira de motorista sem autorização do marido... E é isso que é o feminismo.

ROM: Como você avalia a representatividade das mulheres nos postos científicos de prestígio no Brasil, por exemplo, a liderança em agências de fomento, em grupos de pesquisa e no nível 1 de pesquisa do CNPq?

MCBB: É a catástrofe! É a ponta da tesoura, aquela ponta que dói. São essas as posições! Para dar um exemplo, nunca houve uma presidenta do CNPq. Houve uma presidenta na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), mas por um curto período. Nunca teve uma Presidenta da ABC. Aliás, nós somos 14% da ABC. As mulheres são 30% de bolsistas de produtividade em pesquisa, e quando olhamos o topo, entre pesquisadores 1A não chegamos a 10%. Na minha área, Física, o topo é constituído só por 5% de mulheres na academia. Nas empresas, nos conselhos de administração as mulheres não chegam a 14%.

LRFK: Quero ouvir um pouquinho mais sobre sua aproximação com os estudos de gênero. Ela se deu a partir de uma leitura específica ou foi por conta mesmo de perceber alguma situação na carreira?

MCBB: Eu só percebi que era mulher quando entrei na universidade. Até então, eu estava no ensino médio em que metade da sala era de homens e metade de mulheres. Eu estudava em uma escola pública e a dinâmica de uma escola pública é cada um por si e deus por todos, ou seja, ninguém está lá treinado/a para ser gênio. Se quer estudar, estuda, se não quer não estuda; não tem essa competição louca dos colégios privados. Então, eu era muito livre para estudar, para explorar coisas, sem muita carga de preconceito. Na minha família não tinha carga de preconceito. Eu venho de uma família simples e o que era importante era estudar para ter um bom salário.

Mas quando entrei na Física, na UFRGS, percebi que nós éramos 80 estudantes e só 8 mulheres e que, rapidamente, as outras evaporaram do curso. Eu disse: “Oops, tem algo aí.” Quando eu olho e vejo que os docentes homens são os que têm poder, que são as lideranças, que são cientistas, eu reafirmo minha exclamação. Mais grave que isso: sou do tempo em que havia uma ditadura nesse país, e os estudantes eram muito mobilizados. Só que eu notava que eram os meninos fazendo discursos e ocupando cargos, enquanto meninas ficavam distribuindo panfletos... Rapidamente notei que algo tinha de ser feito. Tornei-me, na física, uma liderança estudantil que concorria para tudo que era representação discente. Fui ocupando, rapidamente, os espaços.

A oportunidade de agir um pouco de maneira instrumental aconteceu muito mais tarde, na União Internacional de Físicos, que é uma organização que agremia todas as sociedades da área. Como terminei me envolvendo? Em uma assembleia geral em 1999, alguém perguntou por que havia tão pouca mulher na Física. A pergunta foi feita porque não havia nenhuma mulher na assembleia daquele ano e poucas estudantes de Física na época. Os físicos estavam desesperados devido à falta de estudantes. A lupap montou um grupo internacional para discutir o problema. O mais interessante é que esse grupo era só de pessoas muito poderosas. Assim, era uma diretora de Los Alamos (EUA), uma diretora do National Institute of Standards and Technology (Nist) (EUA), que é o laboratório mais importante, um diretor do CERN, reitores, entre outros... E o Brasil me enviou para lá; eu que era uma pessoa jovem e isso já demonstra como o país entendia que o tema não era prioritário. Na indicação, não enviava alguém combativo, mas alguém jovem. Como eu era jovem, trazia uma vantagem, que é o fato de estar muito conectada à internet, coisa que não era verdade para as pessoas da faixa etária média do grupo. E eu disse: vamos fazer uma grande conferência internacional, montar grupos no mundo inteiro e vamos trazer dados e números sobre o problema. Eu, a menos importante de todos, tornei-me a coordenadora do grupo. Assim, minha aproximação com o problema foi menos com referenciais feministas e mais com números. O evento foi em Paris, na Unesco.

LRFK: Quando?

MCCB: Em 2002. A gente levou dois anos preparando o evento. Para participar, a pessoa tinha que estar em um time representando o país. A minha função era encontrar uma pessoa de cada país para estruturar o time do respectivo lugar. Conseguimos montar 65 países. A função dos demais, que eram pessoas muito influentes na Física por serem dirigentes de grandes instituições, era levantar um milhão de dólares para pagar as despesas dos participantes. Como eram poderosos, conseguiram.

O evento se tornou uma revolução: os grupos ainda existem e se reúnem a cada três anos, propondo políticas de transformação em seus países. Graças à organização desses grupos de gênero, com impacto bastante grande, ganhei um prêmio internacional, a medalha Nicholson da Sociedade Americana de Física, que ironicamente, é uma medalha dada para pesquisadores que fazem trabalhos comunitários. Normalmente era um americano ou europeu que ia para a África ou para a América Latina fazer trabalhos comunitários. E eu brinquei: “a primeira vez que a coitadinha ganhou a medalha por ajudar muito mais as gringas porque elas tinham mais dinheiro do que nós”.

A partir de 2002, eu e minha colega Elisa Saitovich (Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, CBPF), iniciamos uma mobilização de mulheres na Física no Brasil. Organizamos uma conferência de mulheres latino-americanas nas ciências exatas e da vida. Como nós duas não entendíamos nada sobre referencial teórico, convidamos uma série de pesquisadores da área de Ciências Sociais. O evento foi em 2004.

LRFK: Você pode falar um pouco sobre os nomes que participaram?

MCCB: Tínhamos o apoio de Fanny Tabak, Hildete Pereira de Melo, ícones do feminismo brasileiro. Como físicas, sabíamos analisar dados e fizemos isso. Começamos a levantar dados sem nenhum instrumental, porque já faz bastante tempo. Eu e minhas colaboradoras abríamos os currículos lattes de cada pesquisador, levantávamos dados gerais e de publicações. Uma das consequências da Conferência Latino-Americana de Mulheres nas Ciências Exatas e da Vida foi o surgimento, no âmbito governamental, do edital “Promovendo a Igualdade de Gênero no CNPq”. Conquistamos o edital porque, no evento de 2004, conseguimos que a então secretária da Secretaria da Mulher, Nicéia Freire, participasse. Ela, com o apoio de Hildete, montou políticas públicas de gênero em ciência. Entre elas destaca-se o primeiro edital de 2013 para Meninas na Ciência.

Eu e Elisa estávamos no grupo de idealizadoras do edital e coordenei o julgamento. O impacto da Conferência Internacional de Mulheres na Física em 2002 se fez sentir na própria lupap. A organização, que em 1999 não tinha nenhuma mulher na assembleia geral, elegeu uma presidenta e eu me tornei vice-presidenta. A organização mudou a cara! Passou a só financiar eventos que tivessem percentuais de mulheres, a estimular internamente até mais mulheres no poder, e passou a ter uma *gender champion*, uma pessoa para verificar que está tudo regular em termos de equilíbrio de gênero. A união modifica atitudes, mas também esses grupos mudam internamente a discussão nas ciências.

LRFK: As humanas acabam estimulando novas demandas de gênero nas outras ciências?

MCCB: Na minha atuação no tema no Brasil, faço levantamento de dados e demandas concretas, porque eu só sei trabalhar com elas. O primeiro tema de luta foi a licença maternidade para bolsistas de mestrado, doutorado, pós-doutorado e produtividade em pesquisa, que foram assim sendo conseguidas com muita luta, claro, desse grupo com apoio das Ciências Sociais e dos grupos feministas... Mas o fato de termos cientistas das exatas e pesquisadoras do topo da carreira nas exatas dava uma força diferente. Só para dar um exemplo do impacto de ter alguém com liderança científica na luta, vou contar o caso da conquista da licença maternidade da bolsa Pq. Ela foi concebida só depois que ganhei o Prêmio L’Oréal-Unesco de Mulheres na Ciência, em 2013. O prêmio é dado anualmente para uma mulher por continente, nas áreas de Ciência Físicas e Biológicas. Eu ganhei pela América Latina. Aproveitando a visibilidade, fui ao presidente do CNPq, na época um físico, e ele concedeu a licença. Então, há coisas que a gente conseguiu por causa

de uma insistência de anos... comecei em 1999 e venho trazendo insistentemente ao longo do tempo, publicando dados, dados, dados...

Como não sou do tema de feminismo, de Ciências Sociais, sempre contei com mestras. Agora aprendi muito com Hildete Pereira de Melo, da Universidade Federal Fluminense (UFF), Jacqueline Leta (também da UFF) e Margarete Lopes (Unicamp). Fui absorvendo dessas pessoas. Em paralelo, surge um grupo sobre o tema de mulheres na ciência dentro do CNPq, com Betina Lima. Mais recentemente foi criado um grupo na Capes. Vai-se infiltrando nessas articulações e se consegue ter um discurso que vem de um outro local. É um crescimento paralelo a tudo que eu tenho que continuar fazendo como pesquisadora de exatas. Mas eu bebo muito nessas fontes.

LRFK: Ao ver seu currículo e ao ver, especialmente, sua página pessoal no site da UFRGS, extremamente chamativa e didática, percebemos sua atuação em diferentes esferas. O que notei como incrível não é só a atenção dada à especialidade no campo da Física, mas a atenção ao gênero mesmo nessa área, bem como à divulgação científica. Sua atuação engajada aparece em publicações, tanto acadêmicas quanto em blogs de jornais como "O Globo". Essa ação dupla pode ser inserida numa vontade de mudança social, onde a ciência seja amplamente aberta para homens e mulheres nas escolhas deles e delas? Você acredita nisso?

MCBB: Sim. Quem paga a ciência é o povo e isso não um fato só do Brasil. A ciência americana não é paga pela indústria privada; ela é paga pelo povo americano que é quem paga as universidades privadas para fazer pesquisa. Nesse sentido, temos que dar retorno para esse povo e a ciência está pagando caro agora por não ter feito esse trabalho. O cientista tem que educar o povo para que continue pagando pela ciência que sustenta a inovação tecnológica. Infelizmente, o poder às vezes acha que não precisa de ciência. Pura ignorância. Podemos eleger grandes ignorantes... Em uma discussão recente no congresso americano, na qual o assunto era acabar com satélites, um congressista disse: "Eu não preciso de satélite para saber a previsão do tempo. Eu abro o canal do tempo". Só que o canal do tempo usa o satélite! É a falta de educação científica muito básica.

Como cientistas temos o papel de fazer essa divulgação. Infelizmente não acho que todo cientista tenha habilidade para isso. Sequer temos o treino para isso. Isso tinha que estar incorporado entre nossas habilidades. Vou falar de uma mudança muito importante que está aterrorizando pesquisadores de todo país, a nova regra do MEC que direciona da carga horária de cursos de graduação para atividades de extensão. Isso é um favor e as pessoas estão apavoradas. Na disciplina que leciono já incorporei essa dimensão. Todo mundo tem que ser treinado para poder explicar o que faz. Quando eu sou banca de concurso para professor titular, uma questão que faço é: "Uma liderança de governo está no elevador e tu tens 10 segundos para explicar o que tu fazes de maneira simples e dizer por que precisas de mais financiamento." Essa é a pergunta que mais reprova gente para ser titular, porque as pessoas não estão preparadas para contar o que fazem para o taxista ou para outros que pagam pela pesquisa. Como é que eu quero que essa pessoa defenda que eu tenha que ter bolsa e financiamento, se sou incapaz de fazê-la entender o que faço? Nós precisamos ter isso junto aos objetos de pesquisa, por mais complexos que sejam. A gente precisa treinar e esses 10% de extensão vão ajudar.

LRFK: É usar a oportunidade a nosso favor, na verdade...

MCBB: Exatamente! Toda oportunidade que eu tenho eu uso, sou um gás ideal? Gás ideal é aquele que ocupa todo o espaço. Vou confessar que isso não é fácil, no sentido que a gente tem 24 horas por dia e brinco que adoraria ter uma outra... clonar para duplicar o tempo. Eu queria comprar tempo das pessoas para poder ter mais para fazer as várias coisas que estão sempre borbulhando na pesquisa que tenho no laboratório e na comunicação. Temos que começar a costurar essas coisas. Sou muito convidada para falar de água, que é meu trabalho de pesquisa, mas que impactos isso tem em gênero? Que impacto tem isso em política científica? Acho que é fundamental que um cientista possa fazer essas misturas.

LRFK: Você não acha já está produzindo um novo modo de fazer ciência, uma ciência de mulheres? Talvez não seja nem aproximar coisas diferentes, mas construir uma vertente que homens talvez não consigam entender, que articula várias esferas, de uma forma muito boa...

MCBB: Para mim há uma coisa bem clara. No meio científico, homens têm uma visão linear da carreira. Significa que o pesquisador, ao aceitar um estudante de iniciação científica, olha o histórico escolar e se tiver um monte de "A", é justamente esse ou essa estudante que ganhará. Eu nunca olho histórico, eu converso. Se aquela pessoa me parece que está a fim de trabalhar, muito a fim de trabalhar, é ela que quero. E dou pesos diferentes porque gosto de ter de diversidade no grupo. Em física vai ter pouca mulher, vai ter pouco negro e negra, pouca gente de escola pública, mesmo com as cotas. Vou prestigiar esse perfil que vem, porque sei que todos os outros pesquisadores vão procurar estudantes "A", enquanto eu não quero que ninguém seja meu clone; quero cada um sendo o que é. Olho e digo: Ajudo a ir aonde queres, mas é o teu caminho, não meu. Eu não fico desapontada se as pessoas, ao longo da carreira, fazem opções distintas das que eu fiz; é o caminho delas e eu estou aqui ajudando a trilharem os caminhos próprios. Às vezes o caminho dela não é ser pesquisadora, mas vai ser ótima naquilo que for e vou ajudar.

Uma vez eu estava com um colega saindo de um evento. Estávamos chamando o Uber e esse colega disse: "Não vou aceitar esse aqui porque não tem nota 5..."; e eu perguntei: "Tu olhas isso?" Aí ele respondeu: "Márcia, é claro, eu só aceito aluno "A". E eu respondi: "Eu não! Eu pego um aluno e transformo ele em "A". Não que ele vá tirar nota A, mas A no que ele quer ser, no que ela quer ser. Vou identificar o que está atrapalhando aquela pessoa. Às vezes, os meus alunos de IC passam e eu digo: "Bom dia, como é que você está?" Eu digo: "Senta aí! Vamos conversar que tu não está bem." Ela não trabalha bem se não está bem. Meus colegas até brincam que eu tenho Prozac na gaveta para dar para aos estudantes e eu brinco com eles que tenho Viagra na outra para dar aos colegas... Eu acredito que a gente tem e pode ter um outro jeito de fazer gestão. Eu já fui diretora de um instituto, acreditava na gestão de ouvir, de todo mundo falar, de "não sou eu decidindo".

304

LRFK: As mulheres são muito treinadas em "ouvir" e isso é uma categoria que ajuda bastante...

MCBB: Ouvir. O processo de tomada de decisão é diferente. Eu não conseguia controlar tudo. Então cada pessoa tinha uma realidade... os técnicos tinham seus subprojetos e eu dizia: "Vai e quando precisar me chama". Às vezes a gestão bate numa parede administrativa e era aí que eu entrava: "Me diz o que tenho de falar, o que estou fazendo aqui e eles me instruíam." Com os docentes também...

LRFK: Dar suporte, dar segurança, fazer funcionar uma rede estão no centro dessa forma de fazer ciência...

MCBB: Eu brinco com eles que eles são muitos. Tenho 7 estudantes entre mestrado e doutorado; 4 de iniciação científica; mais dois na Capes e agora com prospecção de aumentar esse número. É muita gente. Eu falo: Vocês são um monte. Eu não posso acompanhar, dar mãozinha para vocês e caminhar. Vocês vão ter que caminhar sozinhos e eu brinco que os mais velhos ajudam os mais novos. E vão. Todo mundo se ajuda e, assim, acontece muita parceria.

LRFK: É uma alternativa?

MCBB: É! E acredito que o importante é ter diversidade de opções, do jeito de tocar as coisas. Não ter medo. E não tenho pose. Não veio no pacote. Se um dia precisar disso para alguma coisa, não vou ter. Assim, sou a pessoa que vai lá no meio da confusão. Quando teve ocupação, eu estava lá no meio dela conversando todos os dias com os estudantes, resolvendo as coisas. Não sou aquela pessoa de ficar distante... Isso não vai acontecer. Perfeito? Não é perfeito porque já vi que muitas vezes as pessoas desmerecem outras que não têm pose. A política acadêmica tem um pedaço de fazer concessões além do limite. Isso gera pessoas que me detestam. Lamento, mas não consigo coisas que estão além do limite. Não consigo fazer concessões. Por mais brilhante que o pesquisador seja, se é um assediador, é

crápula. E eu não faço concessões a isso. Não adianta. Se uma pessoa não sabe tratar a outra com urbanidade, não serve eu não vou defendê-la. Eu tenho limites muito claros.

A questão da diversidade é muito próxima a mim; a questão do que as pessoas chamam de politicamente correto é uma próxima para mim e dela não movo um milímetro, mesmo que haja custos. Não compro essa coisa da excelência acadêmica como moeda de troca. Acho que a forma de relacionamento entre as pessoas é importante e nós vivemos um momento em que isso está sendo muito questionado. As relações entre as pessoas estão sendo questionadas, as Universidades não estão sabendo lidar com isso. Elas não têm códigos de conduta adequados. Teremos que construir isso, o que irá doer muito.

Só para dar um exemplo da dor: temos um grupo de mulheres nas Ciências Exatas na minha universidade que é muito forte. Ele iniciou lá atrás e cresceu porque tem algumas lideranças importantes e aí vão surgindo pesquisadoras jovens que consolidam alguns projetos... Existe um forte apelo quando a universidade chancela e reconhece um grupo desse. Por isso, tem uma reação muito forte. Em março desse ano um grupo da internet ameaçou entrar atirando e matando todas as mulheres das Exatas. Isso que é triste, ruim, mas é um reflexo do empoderamento. Eu dei aula nesse dia, anunciei que ia dar aula, que não iria me deixar intimidar. Eu tenho uma posição na vida que eu posso me dar o luxo de não deixar me intimidar; conheço um pouco mais as pessoas, conheço estudantes e sabia que eles não iam fazer nada e estavam contando com essa intimidação. Nesse sentido, eu os desempoderei. Eu sabia quem era a pessoa, inclusive. A mim não vão tocar, ainda mais porque vivemos um momento crítico no qual o Estado é contra a universidade, ataca a diversidade e empodera quem é contra ela.

LRFK: E que incentiva, inclusive...

MCBB: Verdade! É tão interessante. Quando aconteceu o que aconteceu no desastre de novembro do ano passado (2018), colegas de fora do Brasil me sugeriram fortemente passar um sabático de quatro anos fora do país, até em cargos bem interessantes. Eu neguei. Preciso ficar, preciso ficar justamente por isso, porque as pessoas me enxergam como alguém que falará do sistema. E agora mesmo é que vou, porque alguém precisa falar nisso e consigo ter acesso a grupos de poder e de decisão, além de acesso ao público. Consigo fazer matérias duras, como uma que publiquei na Folha de São Paulo falando sobre assédio. Teve um impacto revoltoso das pessoas que leram. Tem assédio, sim, na universidade e já fui assediada. Tem e conheço muita gente que foi assediada. Isso tem que ser tratado. Primeiro, as pessoas ficam nervosas. Depois, falei a mesma coisa na revista da Fapesp (que tem impacto muito grande). Não se trata de falar apenas de crescer na carreira; é de trazer aquele assunto que dói profundamente!

LRFK: Enquanto isso as mulheres adoecem...

MCBB: Exatamente! As mulheres adoecem, desistem do jogo e não sou eu que estou dizendo isso. Tem um estudo do BCG, que é uma consultoria americana, que mostra que as mulheres desistem de subir na carreira por causa do que eles consideram "pequenas coisas"... Certas personalidades absorvem isso sem problema. Mas eu não quero só essas pessoas com especialidades; quero todo mundo, quero uma pessoa que sofre com isso também fazendo ciência. É quase uma estratégia para ter menos competição e eu não quero isso, eu vou lutar. Já que eu ganhei esta voz, já que essas coisas não me abalam, então eu tenho que gastar meu tempo lutando por elas.

LRFK: Eu queria saber se ter sido agraciada pelos prêmios Cláudia e L'Oréal reforçou sua fala em torno do tema de gênero e ciências a partir de 2013?

MCBB: O prêmio da L'Oréal é impactante. Já tinha sido parte do júri, me retirei e, em 2013, ganhei o prêmio. Ele é dado a cada ano para uma mulher por continente, com o montante de US\$ 100 mil. Não é só o dinheiro e não é só o fato de ser uma por continente. Quando tu vais receber o prêmio em Paris, eles penduram foto das laureadas no teto do aeroporto, nas estações e em outros lugares.

Tu vais para a estação de ônibus e no lugar onde tinha propaganda da L'Oréal, tem a foto das mulheres. Eles compram uma página do Le Monde para cada uma delas. Eles enchem a Champs Elysées com fotos. A gente passa a semana inteira dando entrevista. Vai na Academia de Ciências. É uma entrega na Sorbonne. É muita propaganda! Eles trazem equipe de Paris para fazer as fotografias, para fazer vídeos; é um grande evento, com um grande impacto na imprensa. Durante todos esses anos que tinham ganhadoras, eram em geral grandes cientistas com uma visão muito limitada da questão de gênero. Não foi o meu caso. Quando eu ganhei, já entendia a questão muito claramente. Então, toda vez que a imprensa me chamava para falar da minha descoberta em água, eu costurava junto – “mas deixa eu te explicar... e jogava a ideia”.

No Brasil a entrevista de rádio... A L'Oréal tem muito impacto no exterior. Aconteceu uma coisa curiosa e proposital, porque sou uma pessoa proposital em tudo que faço. Na hora da entrega, temos dois minutos para falar. Eles têm aquela visão de que cientista é chata e não querem uma cerimônia assim. Então deixam a gente falar o mínimo possível e todas que foram falar, discursaram sobre seus trabalhos de pesquisa de um jeito que ninguém entendeu. Até uma fez uma piada que eu achei engraçadíssima, embora só eu a tenha entendido. Ela comparou a gente a férmions que são partículas do estado único – piada para cientista físico. Quando eu fui falar, contei uma história para um jornalista. Um deles havia perguntado sobre o que eu sentia quando de uma descoberta científica nos seguintes termos: Você se dá conta de ser a única pessoa do mundo que entendeu aquilo? Respondi assim: o processo científico em qualquer área do conhecimento é tenso, tu vais para um lado, para outro lado, para outro, até aquele instante mágico que entendes e aí para... esse momento, senhoras e senhores, é um orgasmo. Quando eu disse isso na Sorbonne, caíram na gargalhada. Dei o tempo da gargalhada e disse: vocês não acham que é uma injustiça a gente impedir que 50% da população das mulheres tenham um sentimento tão maravilhoso, que é a descoberta científica? Virou o assunto do coquetel, tanto que o Leif Garrote decidiu que ia fazer só uma matéria sobre o meu trabalho. Ligou para meu pai no Brasil, fez “n” coisas, minha família toda estava lá menos o meu pai que se recusa a viajar e virou a matéria, que não teve um impacto grande. Volto para o Brasil e continuo costurando esse impacto. No mesmo ano, meio nessa tradição da L'Oréal, eu ganho o prêmio Cláudia, que também tinha essa costura. Eu tenho certeza que ganhei o prêmio por isso, porque falava de ciência e também da questão de gênero, quebrando alguns estereótipos.

Tanto brincavam porque eu tenho uma característica: eu uso minissaia. Ganhei o prêmio da L'Oréal usando uma minissaia. Todas de longo, eu de minissaia, super brilhante, minivestido, super brilhante. Quando fui ganhar o Cláudia, as editoras da revista apostavam que eu ia aparecer de minivestido e fui de minivestido. Então, tem toda uma tradição de ser. Foi a primeira vez que alguém ganhou um prêmio internacional importante, que não era membro da Academia Brasileira de Ciências. Por quê? Porque não sou o perfil de um acadêmico num sentido...

Ganhei esse prêmio internacional importante, e obviamente entro para a academia. Aí de dentro da academia, começo um movimento de trazer números de gênero. Eu público nos jornais da academia sobre gênero e aí me torno diretora da academia. Muda a cara, a página da academia, agora ela tem Facebook, Twitter...

Comecei um projeto que gosto muito, que é um whiteboard. Whiteboard é aquela mãozinha desenhando uma historinha de 2 minutos, e o primeiro foi de Johanna Döbereiner, que é a mulher fez a soja brasileira. Consegui muito com esse prêmio? Sim! Usei-o ao extremo não só para mim como para o grupo de pesquisa. No prêmio, exigi que, nos vídeos e fotos, meus estudantes aparecessem. Somos um grupo que é diverso, que é interessante, que tem pessoas brasileiras. Nos vídeos dos outros, há peso, há inverno, só aparece a pesquisadora e seu marido, num ambiente isolado, tenso e frio. E apareceu o meu vídeo, cheio de estudantes de shortinho e camiseta, família, todo mundo bebendo e comendo, todo mundo, um outro jeito, que eu tento trazer, de também ser uma coisa leve, engraçada.

Deixa eu só contar uma outra história: a L'Oréal entrega uma vez ao ano para sete pesquisadoras brasileiras jovens de até 10 anos de doutorado um prêmio junto com a ABC. Eu sou membro desse júri e eu participo da entrega. Esse ano, me pediram para participar de uma pequena entrevista, junto com a reitora da UFRJ e uma outra pesquisadora. Perguntei quem seria essa outra pesquisadora, se seria negra. A resposta foi que não haviam nem pensado nisso. Tudo bem, então coloca a Zélia Ludwig, que é uma física negra e eu vou trazê-la. Nós vamos pôr diversidade dentro

da diversidade. Gente, ficou tão bom, tão bom que foi uma entrevista com nós duas e depois blogueiros, assistentes da L'Oréal, que estavam ajudando, participando do evento afirmaram que, dessa vez, pessoas que sempre estiveram na plateia estavam no palco. Permitir que mulheres, mulheres negras, negros, toda diversidade, suba ao palco torna-o muito melhor.

LRFK: Às vezes as pessoas pensam só no prêmio, na questão financeira, que é excelente, mas o capital cultural, simbólico e político de um prêmio desses é enorme...

MCBB: É enorme! Não tem como medir, e é importante usar, aproveitar para si e para os outros. Ele trouxe outras coisas; eu sei que essa atuação me deu o Anísio Teixeira, da Capes. Anísio Teixeira era gênio; essa é a palavra correta. E eu ganhei a medalha do mérito científico da presidência da República de novo por isso.

E eu não recuso, até para ir de vermelho na entrega. Eu fui do "conselhão" do governo Temer, onde fiz minha fala sobre diversidade, sobre ciência. Não me recuso a ocupar os espaços e dialogar com ninguém, até para ser firme. Às vezes, questiono essas pessoas. Tem que falar para responder. Tem que estar lá no diálogo. É complicado? É. Tenho que arranjar quem me substitua em aula quando eu não estou na universidade. Tenho que resolver o problema que tem lá no mestrado e faço tudo isso!

LRFK: Monitora-se o universo...

MCBB: Que depende de mim e, ao mesmo tempo, faz com que eu tenha de estar atenta em outros momentos, como em uma reunião. Se estou em uma reunião eu tenho que estar atenta, porque ocupar um espaço não é só utilizá-lo para prestígio próprio. Eu poderia ser uma diretora da academia que não faz nada. Ficaria lá no espaço, chique. Fiz opções de tarefas que posso contribuir mais e a zona na qual estou permitiria promover a diversidade. Essa questão é difícil de costurar, principalmente quando se sobe na carreira. É fundamental sempre dialogar com as pessoas; eu estava em Brasília agora, falando com uma senadora cuja posição política é oposta a minha, mas que estava falando de gênero. Então, vamos junto. Saber dialogar é importante, sem que se tenha de concordar o tempo todo com essa pessoa. É possível apoiar uma pessoa para reitoria e, ao mesmo tempo, questionar cotidianamente suas atitudes com clareza. Precisamos trazer a diversidade na contestação, sem essa prisão que sinto no setor acadêmico. Ficam aqueles bloquinhos dentro dos conselhos universitários, que não raciocinam. Às vezes concorda ou discorda... você não pode concordar sempre ou discordar sempre do outro porque não se avança.

307

Luciana Rosar Fornazari Klanovicz é Docente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário e do Departamento de História, Unicentro. Coordenadora do Centro Interdisciplinar de Estudos de Gênero (Cieg-Unicentro). E-mail: lucianarfk@unicentro.br.

Roseli de Oliveira Machado é doutoranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário. Pesquisadora do Centro Interdisciplinar de Estudos de Gênero (Cieg-Unicentro) e docente do Departamento de Administração (Unicentro). E-mail: roseli_unicentro@yahoo.com.br.